

# Resenha bibliographica do anno

POR J. RODRIGUES DE CARVALHO.

O anno de 1903 foi pobre de producções litterarias: um certo marasmo cahiu sobre os que, deixando por instantes o terra-terra da vida pratica, dedicam-se a esse bemfasejo dilettantismo das lettras. Uma certa depressão social abate todos os estimulos de ideaes generosos, e o pessimismo tudo esterilisa.

Se não fôra o devotamento de dous ou tres abnegados, insistindo por uma commemoração digna do nome cearense, para perpetuar na gratidão publica os nomes dos primeiros povoadores desta região, tres seculos envoltos no silencio da indifferença, poderiamos dizer que os intellectuaes do Ceará dormiram todo o anno.

Felizmente foi de alguma forma resgatada a falta com a publicação dos trabalhos attinentes ao glorioso feito de Pedro Coelho de Souza.

Dos trabalhos avulsos só nos recordamos dos seguintes:

A CORUJA, poemeto, de Julio Olympio, 50 paginas, Typ. Minerva, 1903.

Uma collecção de poesias, concatenando um episodio de estroinice infantil, em que o poeta revela muito coração e muita cadencia na arte da rima.

A primeira parte do poemeto é inspirada, fluente terna e sincera.

Traz um prefacio de Rodrigues de Carvalho.

Casa Mal-Assombrada, poemeto de Alvaro Martins, 70 paginas, Typ. Minerva, 1903.

O estro do cantor dos «Pescadores da Tahyba», surgiu radioso e feliz, offerecendo ás bôas estantes um livrinho de bom gosto e ternamente sentido.

E' um entrecho da vida campezina, com muita côr local nos scenarios e nas scenas

Alvaro Martins prestou um serviço relevantissimo editando este poemeto, continuação da sua obra encetada nos «Pescadores da Tahyba». Aqui elle canta as praias, alli a zona serrana, faltando apenas o sertão para que tenhamos n'uma obra d'arte estampada a nossa vida e a nossa natureza.

Poucos cultores das musas no Brazil teem a singeleza poetica do cantor cearense; e se incorrecções ás vezes o atraiçoam, ou alguma reminiscencia de auctor lido tenta desvirtual-o; salva-o, como uma gloria desta terra, a espontaneidade de seu talento poetico e a orientação que tem sabido dar á sua obra, tornando-a nossa, muito nossa.

Estações — A. Angelitino Martins, Typ. Minerva, 1903

Deu-nos o novel poeta cearense um livrinho de esperançosa estréa.

E' um conjuncto de sonetos elaborados com certo cuidado e inspiração.

Manual do Habeas-Corpus, por Nascimento e Silva, Typ. Minerva, 1903. Editores Militão Bivar & C.ª

São raras, entre nós, as publicações de obras de direito; havendo mesmo uma certa indifferença da parte de quem podia dar trabalhos dignos de publicidade. Em vista desta escassez, a tentativa do Snr. N. Silva, pratico advogado de S. Bernardo de Russas, é digna de encomios. Trata-se de um livrinho contendo formulas para os diversos casos de *habeas-corpus*, precedidas de notas e excerptos de legislação attinente á materia.

Traz um ligeiro prefacio de Rodrigues de Carvalho, em que são notadas as lacunas do livro.

Que aos cultôres do direito no Ceará seja o *Manual do Habeas-Corpos* uma verdadeira emulação.

---

A segunda parte das obras editadas são por influencia da commemoração do tri-centenario da vinda dos primeiros portuguezes ao Ceará.

Cancioneiro do Norte. Rodrigues de Carvalho, 210 paginas, Typ. Minerva, 1903. Editores Miliãto Bivar & C.ª

A respeito tem a palavra o illustrado Snr. Dr. Alfredo de Carvalho, culturado espirito do meio litterario Pernambucano, de cujo Instituto Historico é um dos luminares.

«Numerosas e significativas, perduraveis e louvabilissimas foram as manifestações diversas com que o Ceará commemorou, ha pouco, o tricentenario do primeiro contacto da barbaria das suas populações indigenas com os portadores da civilisação européa.

Esta celebração, cuja patriotica iniciativa emanou do bello coração e da intelligencia previdente do Snr. Barão de Studart, traduzio-se tambem pelo apparecimento de varias memorias sobre assumptos de historia cearense, e da interessante collectanea intitulada — Cancioneiro do Norte.

Poeta estimado, observador curioso, critico penetrante, habituado a lidar com o povo e profundo conhecedor da sua indole, Rodrigues de Carvalho conseguio reunir um material novo e precioso para o estudo da nossa «litteratura oral», infelizmente tão descurada depois de Sylvio Romero e de Mello Moraes Filho. Divergio, porém, do laureado respigador e analysta dos *Contos e Cantos Populares do Brazil* na forma porque encarou o assumpto, e fel-o, talvez, com razão.

Evidentemente o brasileiro, como typo anthropologico definido, não existe. Conforme notou o preclaro espirito

de Euclides da Cunha, nesta parte da America colonisada pelos portuguezes as tres raças iniciaes não se resumiram nem se unificaram, antes se desdobraram gerando numero igual de sub-formações, substituindo-se pelos derivados, sem qualquer apuração, em mesclas tão abundantes que ao proprio Quatrefages surprehenderam. E si considerarmos, ainda mais, as disparidades telluricas e climatericas, a intensidade dos cruzamentos, as condições historicas, a interferencia—pela invasão outr'ora e hoje pela immigração—de outros povos da Europa, phenomenos estes todos divergentes n'um a outro extremo do paiz, comprehenderemos facilmente porque a nossa nacionalidade não possue até hoje unidade ethnico-psychologica e se fragmenta, mau grado a communhão politica e religiosa, em grupos assaz distinctos.

Attendendo a que, no actual periodo de formação de typo brasileiro, cuja feição definitiva é um problema não resolvido, o trabalho de selecção ethnica, exigido nas investigações do *Folk-lore*, é de todo negativo, Rodrigues de Carvalho restringio a ambito mais modesto as suas pesquizas.

«Quem conhecer esta zona comprehendida entre a fóz do S. Francisco e a do Parnahyba, escreveu elle, todo o explendor tropical desta naturesa, as praias, os brejos, os engenhos, as cidades, os sertões, os costumes, as festas, as lendas, preferirá, como eu prefiro, concatenar as producções de um livro de canções populares, mais pelo assumpto que se prende a cada zona, do que ao elemento ethnico propriamente dito.

«Estudemos, pois, o meio physico, a sua influencia sobre o meio moral; fallemos tambem das multiplas modalidades por que o espirito do nortista se revela nas suas crendices e folgares; e depois desse scenario offereçamos ao povo o resultado da sua propria vocação artistica, fructo dessa expontaneidade anonyma, caracteristica do espirito meridional do brasileiro.»

No substancioso «prefacio», onde folgamos de encontrar mais duma opinião plausivel, descreveu os prin-

cipaes divertimentos populares do Brazil Oriental, e resenhou bôa copia de abusões, crendices, usanças, superstições e ridiculos processos therapeuticos, cada um dos quaes—devidamente investigado e aprofundado—forneceria elemento para curiosa monographia; é pena que, neste particular, o autor deixasse de se abeberar nos conscienciosos estudos do pranteado Dr. João Alfredo de Freitas, omittindo assim uma pagina interessantissima sobre o nosso *fetichismo politico*.

Passemos ás composições poeticas, que constituem o grosso do volume e podem ser genericamente divididas em duas especies.

A primeira, onde dominam quasi exclusivamente as quadras octosyllabas, chamadas alhures de *versos geraes*, comprehende as modinhas e cantigas improvisadas no enthusiasmo dos *desafios* entre cantadores de profissão; por vezes estas quadras se agrupam em series, com retornellos e caracter narrativo, mas, em geral, chrystallisam apenas uma idea isolada vinculando-se umas ás outras tão sómente pela identidade das rimas.

E' esta a forma sob a qual se nos depara mais frequentemente a musa popular, é a mais usada, é a mais facil; os seus cultores raras vezes alcançam vencer a monotonia das consonancias finaes—sempre repetidas na sua penuria de vocabulario—pelo effeito intrinseco das concepções e o vigor das imagens. Mas, têm, um dia surprezas que assombram, comparações de originalidade e subtileza admiraveis. Em Taboleiro de Arêa, no Ceará, um cantador popular, *philosopho* sertanejo de chapeu de couro, analphabeto e rude, improvisou a seguinte quadra verdadeiramente genial :

*«No ventre da Virgem pura*
*Entrou a divina graça ;*
*Como entrou tambem sahiu*
*Como o sol pela vidraça.»*

Comtudo, semelhante perspicuidade de entendimento, delicadeza de imagem, não são vulgares: de commum a premura da replica instantanea não deixa aos trovadores de *pé de viola* lazer para complicados raciocinios, e o soberano encanto dos seus versos reside sobretudo na pasmosa presteza com que são improvisados pelos dous contendores, na febre do torneio, guardando sempre as mesmas rimas e alterando sempre, sciente e inopinadamente os themas.

A' outra classe, menos copiosa e frequente, pertencem as producções dos rhapsodas ignorados, Homeros anonymos, cuja lyra tôsca tem perpetuado, sob a fórma preferida de decimas, de glosas e de bemdictos, os successos mais famosos da chronica popular, reflectindo com nitidez igual as grandes catastrophes e triumphos nacionaes, e as proezas truculentas de façanhudos criminosos.

Si as possuissemos completas, numa seriação continua e ininterrupta, teriamos, nestas versalhadas commemorativas, ao lado da historia official dos autores cultos, outra curiosa e ingenua historia popular desafiando-se num rosario encantador de legendas pittorescas, todas as phases da nossa evolução.

Infelizmente dellas nos restam apenas escassos fragmentos de epocas relativamente proximas. Entretanto é de suppor, com toda a plausibilidade, já no seculo do descobrimento, o estro popular celebrasse os feitos mais estrondosos das lutas contra os incolas; mais tarde, certamente, os fastos epicos da guerra hollandeza forneceram assumpto abundante ás canções do povo: tudo, porém, jaz irrevogavelmente sepultado para sempre no inviolavel silencio do passado.

E é pena terem-nas os velhos chronistas desdenhado! Frei Manoel do Salvador teria feito no seu *Valoroso Lucideno* um livro cem vezes mais precioso, si houvesse recolhido os versos asperos com que, nos acampamentos pernambucanos, a invicta soldadesca de Vieira, Vidal, Camarão e Dias celebrava os seus gloriosos combates, que o bellicoso frade pretendeu sublimar roceiramente, em

oitava rima, no couce dos capitulos da sua desalinhavada chronica, onde, entretanto, ha notas que relembram o valor mavorico dum Villehardouin, a fé viva dum Joinville a a curiosidade obsidente dum Froissart. Mas, não no fez, nem no fizeram os seus proximos continuadores. E' forçoso volver a datas muito mais recentes afim de encontrar o mais remoto specimen deste interessante genero poetico: é apenas uma quadra isolada alludindo ás desventuras do governador de Pernambuco, Furtado de Mendonça, o desadorado *Uxumbergas*, deposto e preso, em 1666, pela arrogante nobreza olindense. Posteriormente é preciso galgar de novo ampla solução de continuidade historica para deparal-o outra vez registrando, em fins do seculo XVIII, as tribulações do famigerado *Cabelleira*.

E' só após a Independencia que esta penuria decresce e o cabedal das canções populares allusivas a factos politico-sociaes toma cultos nas raras collecções do nosso *Folk-lore* até agora publicadas. N.. de Rodrigues de Carvalho figuram em quantidade exigua demais em proporção ás da primeira especie, devido, sem duvida, á sua menor frequencia na zona costeira onde o autor colheu a maior parte dos elementos do seu *Cancioneiro*.

Mas, ha no seu bello livro, alem deste desculpavel senão, outro defeito menos perdoavel: releve o Autor á nossa probidade o apontal-o.

Objectamos contra a inclusão, numa anthologia deste genero, não só dos themas populares metrificados por poetas lettrados—tal A YÁRA de Telles de Souza —, bem como dos poemas da lavra de individuos que, tendo possuido consideravel cultura mental, regressaram degenerados ao nivel das classes analphabetas, qual o desventurado bacharel Julio Vaz Curado ou o misero estudante Lourival Assucena: em ambas as hypotheses é flagrante uma directa influencia litteraria que exclue a ingenuidade natural e expontanea de verdadeiro *Folk-Lore*, porquanto, sob a denominação de «poesia popular», já o disse o grande *Steindhal*, se deve comprehender não tanto o que o povo *canta*, mas, o que o povo *produz*; do contrario

urgiria contemplar nas suas lindes as numerosas canções de Casimiro de Abreu, Alvares de Azevedo, Castro Alves, Bruno Seabra, Tobias Barretto e tantos outros, estropeadas, em noites de plenilunio, pelos trovadores de *serenatas*.

Não obstante estas ligeiras falhas o CANCIONEIRO DO NORTE é um livro prestabilissimo, e o patriotico exemplo do seu illustre Autor, tão digno de fervorosos applausos, merece ter seguidores idoneos.

E estes virão de certo.

Quanto a Pernambuco, podemol-o assegurar, a obra preciosa de Rodrigues de Carvalho terá em breve um complemento amplissimo e quasi definitivo: *O Folk-Lore Pernambucano*, vasto repositorio onde o espirito investigador e a intelligencia polymorpha de Pereira da Costa accumulou somma verdadeiramente prodigiosa de materiaes ineditos.

(Do *Jornal do Recife*).

ALFREDO DE CARVALHO.»

Nesta campanha de elevar o Ceará pela sua historia tem o bastão de commando o Exm. Snr. Barão de Studart, nome já laureado pelos competentes.

Foi sua a obra material do «Tricentenario Cearense»; o seu espirito quiz fazer mais, e deu-nos os mais valiosos subsidios historicos, que são por assim dizer a moldura de ouro de tudo quanto se editou.

Mas como é preciso, e o fazemos gostosamente, enumerar todos os trabalhos a que deu aso a Commemoração do Tricentenario, ao lado daquelles que são da lavra do Barão de Studart fiquem registrados os dos outros que collaboraram para o esplendor das lettras cearenses naquella occasião para sempre memoravel.

Aqui vae a lista:

—Francisco Pinto e Luiz Figueira. O mais antigo documento existente sobre a historia do Ceará.—Martim Soares Moreno. Documentos para sua historia.—Carta do

jesuita P.e Manoel Gomes que foi na Armada de Alexandre de Moura ao Maranhão.—Estrom.to q enuiou o capitão de Sousa q reside no presidio do Buraco das Tartarugas sobre o successo q aly teve com os Franceses q sayrao em terra.—Historia Portugueza e de outras Provincias do Occidente desde o anno de 1610 até o de 1640 da Felice Acclamação de El Rey Dom João o 4.º escritta em trinta e huma Relações por Manoel Severim de Faria, Chantre da Sé de Evora. Traz como appendice 50 documentos, ineditos, pertencentes á Collecção Studart.

Sobre esses trabalhos iniciou Capistrano de Abreu n'*A Noticia* uma serie de artigos, escriptos com a competencia que ninguem lhe recusa e que o fazem tão acatado e avidamente consultado. O 1.º artigo da serie traz a seguinte introducção que para aqui transcrevemos, data venia :

«Começam a chegar trabalhos commemorativos do tricentenario do Ceará. Do Barão de Studart, o erudito e incançavel investigador, já recebemos dois, um relativo a Martim Soares Moreno, outro aos jesuitas Francisco Pinto e Luiz Figueira. Aquelle conta, com poucas interrupções, trinta annos quasi de historia cearense; este narra o triste fadario dos primeiros evangelisadores daquellas regiões,

Seria interessante inquirir como Guilherme Studart, doutor em medicina, cultor de sciencias positivas, enthusiasta de sua profissão, passou a quasi exclusivamente consagrar-se a estudos historicos. Sua mais antiga publicação neste ramo data de cerca de vinte annos, e trata da familia a que pertence pelo lado materno. Si assim succedeu de facto, póde-se bem repetir as palavras do poeta sobre outro Guilherme, Wilhelm Meister, que, como Saul, filho de Cis, sahindo a procurar o fato paterno, tornou, ungido, com um reino.

Circumstancia de grande alcance para conserval-o nestes dominios, uma vez devassados, deve ter sido a abundancia de documentos colhidos aqui e além mar.

Achar suppõe como condição prévia procurar, e elle tem procurado e achado tanta coisa e tem tido tal felicidade que não é facil dizer. Sua monographia sobre Martim Soares Moreno assenta sobre vinte e nove peças justificativas, das quaes só uma conhecida antes de suas pesquizas. A tragedia de Ibiapaba funda-se apenas em um testemunho mas este provém de um dos protogonistas, occupa cincoenta paginas de impressão, e póde ser comparado sem desvantagem com os mais importantes documentos de nossos annaes. Si tempos primitivos tão opulentamente estão representados, póde imaginar-se o que succede com épocas menos remotas.

Na publicação e elaboração do material reunido tem consumido mais de vinte annos, e prosegue ainda com o ardor dos primeiros encantamentos. Leva a correcção das provas a um apuro verdadeiramente raro Para ser o ideal do editor de papeis velhos, pouco lhe falta. Falta declarar sempre o paradeiro dos seus documentos, deixando de parte as tristes reservas de um Varnhagem para adoptar a franqueza e o desassombro de um Harrisse, de um Rio Branco, de um Medina. Falta-lhe occupar-se menos com os escriptos de pessoas não conhecedoras de documentos só por elle revelados; isto dá ás suas palavras um tom militante, e ás vezes aggressivo contra os antecessores da mesma seára. Si em vez disto, se applicasse mais exclusivamente ao exame do material assombroso que tem accumulado, o estudo intensivo dos documentos facilmente lhe daria resultados mais fecundos do que rectificações que qualquer faria á vista delles.

E agora percorramos rapidamente as duas publicações do benemerito Barão de Studart.»

—Pero Coelho de Sousa no Ceará. Por Antonio Bezerra.

—Ha 300 annos. Pedro Coelho de Sousa. Por João Brigido.

—Oração Sacra produzida no Te-Deum de 31 de Julho na Sé Cathedral do Ceará. Pelo Padre Francisco Valdivino Nogueira.

—O Tricentenario do Ceará. A Evolução Cearense. Por Pedro de Queiroz.

—Discurso proferido na sessão commemorativa do Tricentenario do Ceará por Godofredo Maciel, membro da commissão representativa do Congresso de Sciencias Praticas.

—Discurso proferido na sessão commemorativa do Tricentenario do Ceará por Domingos Bonifacio, membro da commissão representativa do Instituto Academico Clovis Bevilaqua.

—Será discutivel a Prioridade dos Portuguezes no descobrimento da America? Pelo Padre Carlos Teschauer, da Ordem de Jesus.

—Traços ligeiros sobre a evolução da musica no Brazil e especialmente no Estado do Ceará. Por Zacharias Gondim.

—Commemorando o Tricentenario do Ceará. Poesias de Alvaro Martins e Rodrigues de Carvalho.

—Diccionario Geographico, Historico e Descriptivo do Estado do Ceará. Por Alvaro Gurgel de Alencar.

—A Costa Nordeste do Brasil na Cartographia antiga. Por Orville A. Derby.

—Primazias do Ceará. Por T. de Alencar Araripe.

—Os dois primeiros Bispos do Ceará. Por Monsenhor Bruno de Figueredo.

—1603-1903. Pelo Dr. Americo Barreira.

—Folk-lore Cearense. Por J. Rodrigues de Carvalho.

—As manchas do Sol e as Seccas. A causa destas e os meios de attenuar seus effeitos. Pelo Snr. Rodolpho Theophilo.

—Diario da expedição de Mathias Beck ao Ceará em 1649. Traducção do hollandez por Alfredo de Carvalho.

—O Tricentenario. Discurso pronunciado pelo Dezembargador Paulino Nogueira Borges da Fonseca na sessão solemne de 31 de Julho.

—O Ceará ha 40 annos. Por uma testemunha contemporanea. Quatro aspectos: O Ceará Physico. O Ceará

Civico. O Ceará Abolicionista. O Ceará Industrial. Pelo Barão Homem de Mello.

—O Tricentenario. Discurso proferido pelo Dr. Th. Pompeu de S. Brasil na sessão solemne de 31 de Julho de 1903.

—Allocução proferida na sessão civica de 31 de Julho de 1903 pelo Dr. José Lino da Justa, representante do Centro Litterario.

—Discurso proferido na sessão solemne do dia 31 de Julho por João Araripe, representante da Phenix Caixeiral.

O Exm. Snr. Barão de Studart fez enfeixar 16 desses trabalhos, os que tratavam de assumptos propriamente historicos, em bellissimo volume de 431 paginas sob o titulo *Commemorando o Tricentenario da vinda dos primeiros portuguezes ao Ceará*, profusamente espalhado no Paiz e no Estrangeiro. A alguns desses trabalhos acompanham mappas preciosos.

Como se vê, as festas do Tricentenario foram ruidoso acontecimento sob qualquer ponto de vista por que se o encare.

Alfredo de Carvalho, cujos dotes intellectuaes já revelados em tantos trabalhos e cujas sympathias, muito para serem apreciadas, para com os homens e cousas do Ceará, deram-lhe direitos ao titulo de socio correspondente com que acaba de ser distinguido pela Academia Cearense, escreveu no *Jornal do Recife* a seguinte interessante apreciação sobre o *Livro do Tricentenario*:

« Commemorando o tricentenario da vinda dos primeiros Portuguezes ao Ceará—1603-1903—Ceará, Typ. Minerva de Assis Bezerra, 1903, in-4.°, 431—II pp., 3 mappas.

A crescente generalisação da pratica de festejar a volta secular de datas assignaladas por acontecimentos famosos, successos notaveis ou natalicios de grandes homens, vae felizmente attingindo tambem a nós brasileiros.

E' que o merito destas celebrações centenarias se manifesta claramente sob varios aspectos.

Não satisfazem apenas á curiosidade obsidente do

antiquario, abrasado do desejo de penetrar os arcanos do preterito, tem ainda outro interesse mais geral e de mais directa utilidade, o de avivar na alma das nações a lembrança tonificante das suas origens, dos estadios onde repouzaram, após o mourejar em fecundas tarefas, os seus fundadores ou a recordação nostalgica de feitos gloriosos e de heroicas façanhas, ou ainda o de simplesmente salvar da erosão destruidora do olvido factos mais modestos, porém, tão significativos como os mais brilhantes triumphos marciaes.

Rememorando a ida dos primeiros portuguezes ás plagas «onde a jandaia canta nas frondes da carnahuba», tiveram este caracter as festas que, a 31 de Julho ultimo, jubilaram a população de Fortaleza, e das quaes o presente livro é a genuina manifestação litteraria.

O alentado volume, muito bem impresso em excellente papel, consta duma collectanea de memorias de varias procedencias, mas todas pertinentes a assumptos cearenses e, na quasi generalidade, de indiscutivel importancia.

Na breve monographia inicial o Dr. Pedro de Queiroz traça num quadro resumido mas de grande verdade culturhistorica «A Evolução Cearense», expondo com rara precisão o lento processo da formação deste povo laborioso e tenaz, desde a sua mesquinha infancia, na era de «Seiscentos» até á sua actual vitalidade prodigiosa e extraordinaria força de expansão, culminando na opulenta conquista dum novo «El Dorado», nas mesmas paragens onde o sonhara outr'ora a imaginação escandecida dos ferozes companheiros de Orellana e de Lope de Aguirre.

A' substanciosa contribuição do applaudido critico succede outra memoria preciosa, sobre o desventurado primeiro explorador do Ceará, Pedro Coelho de Souza, da lavra de Antonio Bezerra de Menezes, talvez o melhor sabedor dos factos cearenses nos menores detalhes mercê de afanosas e ininterruptas investigações em todas as bibliothecas e archivos do Brasil, pesquizas sempre conduzidas com superior criterio e perspicacia admiravel.

Ao mesmo assumpto consagra, em seguida, algumas paginas o colendo historiographo espirito-santense João Brigido, com a sinceridade emotiva e a profundeza de erudição que, vazadas no seu estylo tão pessoal, dão exquisito sabor de originalidade nativa aos seus numerosos escriptos.

Vem após o inestimavel contingente fornecido pelo Barão de Studart—o Michelet cearense - homem pouco vulgar nos tempos presentes, de cuja organisação psychica irradiam, numa esplendente aureola de concordia, os raios ardentes da fé, as scentelhas vivaces do patriotismo e as fulgurações luminosas da intelligencia.

Iniciador e principal promotor da significativa celebração, o indefesso e benemerito homem de lettras, opprimido sob o peso enorme da sua realisação material, teve ainda lazer para dar-lhe o concurso da sua privilegiada actividade mental.

E este é preciosissimo: constitue o alicerce, rigido e indestructivel, da historia do Ceará.

Commentando e elucidando o mais antigo documento sobre a terra natal—a Descripção do Padre Luiz Figueira —e outras relações do mesmo extrenuo missionario; ou a autobiographia de Martim Soares Moreno e a sua Relação do Ceará, o Barão de Studart esclareceu defitivamente o periodo primordial da civilisação da patria de Pompeu e de Alencar.

Num excellente estudo que recorda Cuvier reconstituindo animaes extinctos á vista de simples fragmentos osteologicos, o laureado Prof. Orville A. Derby, talento de tão proveitosa actividade para o Estado de S. Paulo, investiga, com agudeza e competencia, nos primeiros mappas do nosso Noroéste a rota obscura dos mais remotos descobridores. O resultado dos seus judiciosos cotêjos parece contrariar ás nossas pretenções pernambucanas de que fôsse em o nosso littoral onde primeiro aportaram os exploradores iberos.

Analysando detidamente as cartas de Juan de la Cosa (1500), de Cantinho (1502), de Freducci (1514 ou

1515), de Maiollo (1519), o de «Turim» (1528), de Diogo Ribeiro (1529), de Alonso de Santa Cruz (1542), de Descelliers (1550) e de Diogo Homem (1558), o illustre geographo tende a regeitar a opinião dominante de Capistrano de Abreu, de ser o Cabo de Santo Agostinho o mesmo Cabo de Santa Maria de la Consolacion, divisado, em dias de Janeiro de 1500, pelo navegante hespanhol Vicente Yanez Pinzon, e inclina se a suffragar o parecer de Varnhagen assignalando como tal a Ponta de Mucoripe, no Ceará.

Sem acceitar, como conclusivas, as suas ponderações, acatamos reverentes o juizo do autorisado mestre, tanto mais quanto vemol-o collocar o problema no verdadeiro terreno, sem incidir na irritante questão da primasia de navegadores precabralinos, cuja acção—digna de inquerito sob o ponto de vista geographico—não tem absolutamente significação sociologica em face das magnas consequencias do descobrimento do almirante portuguez.

Mas, estas rebuscas e controversias pueris sobre prioridades, em geral tão futeis e tão estereis, são um dos themas predilectos dos que entre nós se votam ao estudo do passado!

E' assim que deparamos—sem surpreza—no artigo do venerando e respeitavel Cons.º Tristão de Alencar Araripe—*Primazias do Ceará*—com allegações cujo optimismo credulo e carinhoso tem apenas justificação no seu acendrado amôr á terra do berço.

O virtuoso e illustrado sacerdote M.^or Bruno R. da Silva Figueiredo subscreve a memoria immediata, dedicada á chronica da Diocese erecta pella Bulla—*Pro animarum salute*—de 6 de Julho de 1854, e narra os feitos beneficos d'*Os dois primeiros Bispos do Ceará*, os preclaros varões D. Luiz Antonio dos Santos e D. Joaquim José Vieira.

Não menos prestimosa, como documento deste incoercivel apêgo ao torrão natal, que é uma das facêtas mais dôcemente luminosas da psyché cearense, é a contribuição do Dr. Americo Barreira, ao mesmo tempo can-

tico de saudades e hymno triumphal ao seu «ninho paterno».

Nestas mesmas columnas já dissemos longamente dos meritos e das excellencias do «Cancioneiro do Norte», de Rodrigues de Carvalho, e fôra reproduzir encomios nos demorarmos em salientar aqui o preço do interessante excerpto sobre o Folk Lore Cearense, que fulgura nas paginas do Livro do Centenario.

Presidente do Ceará ha quarenta annos, o Barão Homem de Mello—sympathico representante d'uma geração a cujos esforços e luzes tanto devemos—concorre tambem com o seu depoimento enthusiastico para o exalçamento da circumscripção territorial que tão sabiamente administrou, e nos rapidos escorços em que tracejou de leve os seus aspectos physico, civico, abolicionista e industrial, ha muita observação exacta e muita ponderação sensata. Pena será, tão benemerito cidadão falleça sem deixar aos posteros a lecção proficua das suas vastas experiencias em *Memorias* indubitavelmente interessantissimas.

Sob a modesta epigraphe—*Traços ligeiros sobre a evolução da musica no Brazil, especialmente no Ceará*, um perfeito conhecedor e eximio cultor da arte sublime de Euterpe, Zacharias Gondim, fornece subsidios ineditos para a constituição desta tão desejada *Historia da Musica Brasileira*, planejada pelo genio de Porto Alegre e tentada pela vontade de Taunay.

Depois destas monographias, todas originaes, o livro que vimos recenseando contém ainda uma traducção do *Diario da expedição de Mathias Beck ao Ceará em 1649* que, recordando a segunda invasão neerlandeza d'aquellas plagas, encerra alguns informes ignorados e aproveitaveis para a historia local, porquanto só agora apparecem pela primeira vez á luz da imprensa.

Muito mais importante e curioso é o artigo que finalisa o volume, artigo onde o claro e fecundo espirito de Rodolpho Theophilo—o estimado romancista, historiador e naturalista—desfaz a hypothese abstrusa de influirem

as manchas solares nas calamidades meteorologicas que, tão cruelmente, têm flagellado o sólo cearense e os seus habitantes.

Eis em rapida indicação o conteúdo do livro do *Tricentenario do Ceará*, onde vemos, concretisado num bello exemplo de civismo, um esforço benefico e plausivel, qual o de advirtir o Presente do que foi o Passado para melhor fazel-o comprehender o Futuro, e isto n'uma phase angustiosa de desalento nacional, quando a maioria dos nossos concidadãos se affoga no marasmo da indifferença, repudiando ingrata ás origens e renunciando pusillanime aos destinos da nossa funcção cultural na America do Sul.»

E' necessario assignalar que o traductor do Diario de M. Beck tão precioso para a historia do periodo Hollandez no Ceará é o mesmo Alfredo de Carvalho, que por um tal serviço fez jus ao reconhecimento de todos os bons cearenses e dos cultôres da historia patria.

